

O MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO (MuDI) COMO FERRAMENTA DE MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA VÍVIDA NO CONTEXTO PANDÊMICO.

GIULIANNA PICOLO BERTINETTI¹; GUILHERME SUSIN SIRTOLI²; CAROLINA FOGAÇA TENOTTI³; DANIEL MAURICIO VIANNA DE SOUZA⁴; NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – bertinettigiulianna@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – guisusinsirtoli@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – c.fogacatenotti@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – danielmvsouza@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – norismara@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Atuando como museu multidisciplinar virtual, propondo diálogo com um novo modo de habitar o mundo através do lugar intangível do digital, o MuDI – Museu Diários do Isolamento é construído através do projeto de extensão que busca o envolvimento do público na produção e reverberação de pensamento e ação crítica frente à crise sanitária que tem assolado o país desde meados de março de 2020. Vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e ao Núcleo de Estudos sobre Museus Ciência e Sociedade (NEMuCS), ao se apresentar e ocupar o espaço complexo e plural da virtualidade, o MuDI não limita-se às fronteiras das instituições formais, sendo “lugar” de experiências formadoras através de sua potência educativa. Desse caráter de constante atividade e cinesia surge a capacidade transformadora, atuando nas reflexões do exercício e da prática da vivência, sobretudo em comunidade, promovendo “construção do sujeito/mundo através da dialética entre consciência e experiência, que se dá no encontro” (VERGARA, 2018, p.43).

Afastados da presença física dos espaços culturais e das relações que os mesmos se propõem a construir, a vivência do espaço virtual, que já vinha tomando a rotina de cada um, foi potencializada com o isolamento social imposto pelo avanço da COVID-19. Ao tomarmos esse território como único possível, a prática e o exercício da construção da cultura voltam-se a ação que Pierre Lévy (2010) nomeia como ‘cibercultura’, sendo ela conjunto de ferramentas, atitudes, valores e pensamentos materiais e intelectuais que se desenvolvem ao passo que o ‘ciberespaço’ também avança com o desenvolvimento tecnológico. Considerando a presença viva da instituição museológica na sociedade, o MuDI atua permeando as questões que dela surgem, entendendo suas demandas como pautas necessárias para serem levadas a discussão, sendo que:

O museu, como importante meio de comunicação, tem de aproveitar todo este desenvolvimento comunicacional e tecnológico, no sentido de satisfazer as novas correntes da museologia que se estão a debruçar sobre o papel do museu na sociedade actual (MUCHACHO, 2005, p.579).

Imersos cada vez mais nesse lugar intangível que vive cotidianamente o excesso de informações, muitas das vezes sem base científicas, contraditórias ou até mesmo falsas, inegavelmente o mundo virtual tem balizado o comportamento do indivíduo em vida solitária ou coletiva. Da capacidade de alienação que a cibercultura pode vir a promover, surge a urgente necessidade de romper a estrutura



entre ‘sujeito e dominação’, como proposto por Rancière (2017), através da emancipação da produção do pensamento e senso crítico a que nos é nato:

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se comprehende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição (RANCIÈRE, 2017, p.17).

O MuDI, entendendo a prática da experiência como ferramenta de integração entre museu e público, articula-se como território de educação por trazer à luz a dinâmica entre instituição e espectador como exercício fundamental da manutenção da memória, sobretudo no contexto em que vivemos. A ampla abertura ao diálogo com o coletivo promove e constrói uma relação de trocas e afetos mútua, dando ênfase a sensibilidade em um período onde o desalento conduziu a vida social, política, sanitária e econômica. Assim, o museu virtual apresenta-se como um relato de memórias vivas e contemporâneas, em constante fluxo de relato e troca. Em consonância com o que se espera da prática institucional em um mundo cada vez mais tomado pela tecnologia, a exposição de relatos, conhecimentos e produções científicas constroem o sujeito e seu estado de ser, crítico e informado, em prol de uma sociedade de devida condição humana.

2. METODOLOGIA

Ao ocupar o espaço virtual, onde a complexidade e a pluralidade são constantes características na produção de sua forma, o MuDi apresenta diferentes propostas de se posicionar frente às condições que surgem da sociedade como necessárias de se ter em diálogo. Partindo deste princípio, desenvolvem-se quatro movimentos urgentes que dão corpo à exposição de longa duração na plataforma digital: **Por dentro da pandemia, Ciência compartilhada, É Fake! e Memórias do Isolamento**. Esses eixos temáticos foram abertos pela necessidade de discutir informação sobre a situação sanitária do mundo e as informações falsas que mediaram e corroboraram com discursos políticos e sociais na época. Também trazem o encontro a produção da memória em um contexto de desaceleração pessoal ao passo que a produção do sensível passava pelo percurso do aceleramento.



Figura 1: Cartaz da exposição ‘Cartas que Levam Abraços’. Arte: Guilherme Sirtoli. 2020. Acervo do MuDI - Museu Diários do Isolamento.

Além disso, as exposições de curta duração surgiram como respostas a temáticas pertinentes dentro do cenário de desalento. Até a conclusão deste trabalho, foram realizadas duas delas. A primeira intitula-se **Cartas que Levam Abraços** (Figura 1), realizada de setembro a novembro de 2020, baseando-se em 20 cartas que continham as manifestações pessoais do público virtual sobre a solidão que o isolamento impunha a vivência do cotidiano, na falta da troca de afetos entre familiares e amigos.



Figura 2: Cartaz da exposição (Re)Existência: Os vários lugares da mulher na pandemia. Arte: Mirada Estúdio Criativo. ilustração. 2021. Acervo do MuDI - Museu Diários do Isolamento.

Já a segunda exposição foi realizada sob o título **RE(Existência) - Os vários lugares da mulher na pandemia** (Figura 2), dividida em dois módulos: Mulheres na Ciência e Mulheres nas Artes, discutindo relatos das relações de trabalho remoto e produtividade além das interpessoais durante o isolamento social. Ressaltando o espaço da mulher no contexto pandêmico, a trama tecida pelo caráter interdisciplinar trazia as complexas relações pessoais e profissionais que as mesmas assumiram durante o contexto, reorganizando a rotina ao passo que se mantinham vigilantes quanto às possibilidades de um futuro possível. A exposição contou com material gráfico, fotográfico, audiovisual e textual, cabendo a cada convidada a decisão do que representava a narrativa a ser contada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Construir espaços multifacetados, guiados pela pluralidade e consonâncias com o contexto em que se insere é uma necessidade urgente para a produção de uma sociedade digna. Ao permear o espaço virtual, o MuDI toma a complexidade do posicionamento como uma ferramenta aliada, abrindo-se à comunidade para entender como as memórias devem ser registradas e comunicadas. Potencializar a possibilidade de integração com o público deve fazer parte do sistema museológico, considerando “não somente em relação à exposição como meio, mas principalmente com relação a uma problemática social, na qual os museus estão inseridos” (CURY, 2006, p. 43).

Ao incluir não só a produção de relatos, mas também conduzir a uma reflexão do contexto social, político e histórico de um momento tão complexo para a vida em



coletivo, ocasionado pela pandemia da COVID-19, evidencia-se a urgente necessidade de atenção a ciência e informação de qualidade que narram o comportamento da sociedade nesse período. O MuDI, através das exposições de longa duração, apresenta-se como ferramenta de combate a forte onda negacionista que vem disseminado desinformação através das mídias sociais que, por muitas vezes, ditam condutas nocivas à vivência comunitária.

4. CONCLUSÕES

Frente ao cenário complexo desse período histórico marcado pelo desalento e pela vivência do mundo intangível do virtual, onde a sociedade é acometida pela avalanche de desinformação e negação a ciência que adentra o cotidiano dos indivíduos através da vivência coletiva em meio virtual, é urgente a necessidade de repensar as relações que mantemos com o mundo que já não voltaram a ser como anteriormente. O MuDI surge como potente instrumento em prol do posicionamento crítico no presente, bem como ferramenta de construção e propagação da memória viva. Ao aproximar-se do público, na intenção de trazê-los como parte da composição do museu, e emancipá-los do estado de alienação a que são submersos diante do contexto atual, cria-se um espaço aberto ao diálogo onde as pautas discutidas trazem as necessárias reflexões acerca da condição humana a que tanto nos é suprimido.

O MuDi, enquanto museu de memórias vivas que ocupa o território do virtual, é consonante com o importante papel social de produzir conhecimento ao passo que conduz ao pensamento crítico do contexto em que se vive. Ao relatar o tempo real, acompanha as dinâmicas de construção de uma nova cultura em um novo lugar, o digital, expondo não só a importância da ciência para a narrativa da história, bem como a de enxergar o outro como parte de seu contexto. Ao emancipar espectadores, como propõe Rancière (2017), dialoga com quem vive o isolamento alinhando as esperanças e as angústias necessárias para resistir ao cenário atual.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CURY, Marília Xavier. **Exposição** – concepção, montagem e avaliação. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MUCHACHO, Rute. **Museus virtuais**: A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico. In: Livro de Actas – 4º SOPCOM. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Lisboa. p. 1540 - 1547. 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2017.
- VERGARA, Luiz Guilherme. Curadoria educativa: percepção imaginativa/consciência do olhar in: CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel A. (org.). **Agite antes de usar: Deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina**. São Paulo: Edições SESC. 2018.